

Memórias_vol I, de Horácio Bento de Gouveia, filho

SÃO VICENTE, CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO VICENTE, 2013

Thierry Proença dos Santos

CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

Universidade de Lisboa

CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais

Universidade da Madeira

thierry@uma.pt

Embora estas *Memórias* pessoais constituam uma estreia do autor nas lides literárias, não vêm, de modo algum, desenhadas numa escrita de principiante. Além de licenciado em direito, advogado, político e dirigente desportivo, Horácio Miranda de Ornelas Bento de Gouveia cresceu rodeado de vultos dedicados às letras, tendo apurado desde cedo uma manifesta sensibilidade literária. Iniciou a sua colaboração na imprensa quando era ainda estudante, tem praticado a redação profissional que as várias funções e cargos desempenhados ao longo da sua carreira exigem e teve, já, a oportunidade de publicar um opúsculo de interesse cultural e de assinar alguns prefácios.

Num significativo ato social, visto a escrita pessoal e íntima implicar conscientemente a exposição pública, Horácio Miranda Bento de Gouveia entendeu ter chegado o momento de partilhar recordações e de revelar um pouco da sua «alma». Trata-se de um exercício arrojado e arriscado, porque aguça, à partida, o sentido de curiosidade do leitor, criando nele expetativas de uma ou outra

relevação, diria até, de uma ou outra (in)confidência. Acresce, como ensina a crítica literária, que o discurso memorialista ou testemunhal, oscilando entre o documento, atestante da veracidade de um determinado facto, e a expressão singular de um eu, que sempre se encena a si próprio, parte de um dado impulso de enunciação: contar-se é, muitas vezes, uma experiência que tira o sujeito de uma situação mal resolvida para situá-lo numa narrativa que faz sentido. O autor sabe que não tem como fugir desse «pressuposto» de que parte o leitor experiente ao abordar este género da literatura. Inevitavelmente, o autor estará a escrever a vida, na perspectiva daquela que lhe coube viver.

Nesse âmbito, o título *Memórias* cria, desde logo, um pacto de leitura entre o autor e o leitor. O autor compromete-se com o leitor a descrever vivências suas e facetas do seu ser, a perspetivar o meio histórico e social em que evoluiu, enfim, a dar um seu testemunho da vida singular que teve. Não será obra romanesca, nem exercício de ficção, nem tão-pouco produto da imaginação. Será antes uma construção da memória, um confronto com a escrita em que só vale dizer a verdade, pelo menos a sua, e ser sincero consigo próprio e com o leitor. Mas até que ponto isso é possível, se esta enunciação é também o momento do confronto com a sua própria consciência, arrumando – não «de vez», mas «desta vez» – o que deve ser esquecido ou calado e o que deve ser lembrado? Toda a narrativa retrospectiva da vida institui-se, pois, através deste paradoxo, desta contradição. Daí apresentar-se para o próprio autor como um desafio intelectual, emocional e comunicacional.

Como penso ter ficado claro, escrever memórias ou uma autobiografia comporta riscos de vária ordem. O autor sabe que se vai expor perante os leitores, porque pode sempre escapar um apontamento que seja tido como inconveniente ou incómodo para alguém das suas relações. Além disso, amigos, familiares ou vizinhos

vão reconhecer-se na narração e alguns deles podem sentir-se não suficientemente considerados e ficarem até ressentidos. Finalmente, a crítica literária tenderá a escrutinar o modo como o autor-narrador-sujeito se constitui no texto e nele se inscreve, tentando provavelmente determinar o grau de transparência do seu discurso autobiográfico e as fronteiras que circunscrevem os domínios do público e do privado.

Assim, a montante de um livro de memórias, existem motivações profundas que materializam a jusante uma multiplicidade de atos enunciativos: podemos ter, por um lado, no domínio do íntimo e do privado, o exame de consciência, o balanço de vida, o exercício radical de sinceridade ou a busca da felicidade perdida; por outro lado, virado para a esfera do *eu* público, podemos estar perante um ajuste de contas ou uma controvérsia, uma digna homenagem ou um testemunho pessoal (que denuncia um cenário disfórico ou relata uma experiência de vida extraordinária).

No caso que me ocupa, estas *Memórias* de Horácio Miranda de Ornelas Bento de Gouveia, seguindo a esteira da obra paterna, inscrevem-se claramente nos tópicos do testemunho, da homenagem e da busca da felicidade perdida. Com efeito, este projeto literário visa evocar um mundo que já não é, a idade de ouro que já foi, prestar um sentido e grato tributo aos pais pela educação e vida feliz que estes lhe proporcionaram, recuperar através da escrita esse tempo saudoso – realçando sempre o que há de exemplar nestas narrativas de uma família singular e ilustre – com a secreta intenção de passar o testemunho aos seus descendentes (como indicia a participação da filha, Teresa Gouveia, na confeção da graciosa capa do livro) que poderão assim entender melhor o percurso e as opções de vida do pai.

Neste sentido, estamos bem mais perto de modelos literários – salvaguardadas as devidas diferenças –, como *La Gloire de Mon Père*

e *Le Château de ma Mère*, de Marcel Pagnol, ou ainda Luísa Marta, *Ficção e Memória*, de Horácio Bento de Gouveia (pai) do que *A Velha Casa*, de José Régio, *Um Escritor Confessa-se*, de Aquilino Ribeiro, ou de *A Penteada ou o Fim do Caminho*, de Irene Lucília Andrade.

Para quem, como eu, percorreu toda a obra do escritor Horácio Bento de Gouveia, a primeira impressão que tem quando entra neste livro é o de se achar em Terra Cognita, num mundo de vozes e de imagens que lhe é familiar. Com efeito, nesse território textual reencontra lugares e figuras que parecem ter ali existido desde sempre, as mesmas paisagens e seus cambiantes, as mesmas sensações. Reencontra essa inclinação muito pronunciada pela reminiscência dos momentos e saberes enciclopédicos, esse pendor pela contemplação da orografia insular e pela meditação sobre o sentido da vida e a ação do tempo. Reencontra, finalmente, essa crença numa cadeia espiritual que liga o ser humano aos seus ascendentes.

Na verdade, a leitura deste livro provocou-me um efeito de palimpsesto: como se estas memórias dialogassem de perto com a voz paterna. Tal se deve ao facto de o arquitexto derivar do mundo poeticamente mitificado da aldeia de Ponta Delgada, o eixo em torno do qual giram esses dois universos literários. Aliás, não será por acaso que a referencialidade de Ponta Delgada virá constituir o alfa e o ómega deste volume de Memórias. É, efetivamente, para o leitor, uma experiência singular verificar o quase perfeito paralelismo existente entre o discurso do pai sobre esse lugar singelo e o discurso do filho, à distância de mais de cinquenta anos. Note-se o gosto pelos mesmos motivos, os mesmos processos estilísticos, os pensamentos coincidentes, o comungado apego à terra e à casa ancestral, a mesma atração pela viagem e pelo conhecimento, a mesma predisposição para o labor intelectual. Todavia, pai e filho

diferenciam-se no registo expressivo da persuasão: se na escrita do pai impera o lirismo e a psicologia, na escrita do filho sobram a ironia e a filosofia.

A estrutura do livro assenta em vinte capítulos, de extensão variável, ao sabor dos fluxos da evocação e da meditação. Com o seu ritmo fragmentado, efeitos de refrão e breves ensaios embutidos na narração, assumindo uma forma literária híbrida, estas *Memórias* não se apresentam como um relato linear, que começaria no nascimento do autor e acabaria no momento da redação. Entre episódios bem definidos e vagas percepções do passado, interiorizadas e reduzidas à sua essência, o autor-narrador encadeia uma série de momentos tópicos, nem sempre datados mas respeitadores do sequenciamento temporal, bem como aspetos evocados que lhe sugerem reflexões sobre o entendimento que tem da vida. Esta impressão de descontinuidade será compensada por efeitos de convergência temática, por recorrências estilísticas e pela inserção de marcos estruturantes, tais como a citação de documentos do arquivo da família.

Com efeito, o texto contempla transcrições daquilo que se convencionou designar como escritas domésticas, próprias da esfera privada. São reportados, por exemplo, fragmentos de um diário que o autor escreveu na juventude, uma dedicatória que Horácio Bento – pai – grafou num livro que ofereceu à mãe do autor ou um apontamento manuscrito que o mesmo Horácio Bento – pai – deixou na margem de outro livro. Quanto ao mais, a escrita desenvolve-se ao sabor de narrativas da lembrança, de breves crónicas de viagem, de reflexões filosóficas sobre a circularidade do tempo, a finitude da vida e a energia do espírito, única força capaz de transcender a condição humana.

Além da transmissão de uma cultura de família e da divulgação de parte dos seus arquivos, apraz-me registar que estas *Memórias*

enformam um sentir madeirense – a tal «madeirensidade» cujo conceito se tem discutido nestes últimos anos no meio académico – ou seja, uma consciência insular própria, marcada por um dado contexto geográfico e histórico. Esta consciência define uma comunidade de destino que apela a uma identidade legitimadora e de projeto. No plano do imaginário, esta noção prende-se com a universal exemplaridade do seu sentido insular mítico, entre a presença e a ausência, entre a proximidade e a distância, entre o insistente apelo à descoberta do mundo e a forte atração magnética que a ilha, natal ou adotada, exerce.

No meu ponto de vista, é possível distinguir neste livro dois «andamentos» que resumirei através de uma metáfora: num primeiro momento, o sujeito-autor debruça-se sobre o rebordo do poço do tempo vivido, olha para o fundo e revê o mundo perdido da infância e da mocidade feliz: um pai amigo e companheiro, um pouco desastrado e distraído, mas firme nos seus princípios; uma mãe zelosa e atenta, boa gestora do quotidiano da família; as brincadeiras nas férias escolares e a boémia estudantil, as viagens e os livros que marcaram o seu crescimento e formação. Noutro, o sujeito-autor ergue os olhos para o céu, perscruta a mecânica celeste, que move as suas engrenagens, e exprime a sua ansiedade perante o caráter predador do tempo e a inexorabilidade da vida: «Perdi nesse tempo que passou as sensações que hoje procuro fazer reviver. E é nesta ausência de som e de cores, que visiono todo um viver que já não é mas queria que fosse» (2013: 147)

Chegado à última página deste livro de *Memórias*, o leitor atento que julgo ser relembra com agrado a promessa de uma continuação anunciada já na capa – sabendo que todo o volume I clama por um volume II – e aguarda com expectativa os episódios da vida e temas de reflexão que irão prolongar esta experiência de leitura.

Para concluir, quero sublinhar que o autor deste livro não deixou

de atender à memória dos pais e que, com este livro, deu voz a essas vozes que o marcaram profundamente, fazendo irradiar para o leitor o singular diálogo que com eles estabelece pelo viés da escrita e que, por essa mesma razão, o inscreve na digna linhagem de cronistas da sua terra, a Madeira, à semelhança do avô que não chegou a conhecer, Francisco Bento de Gouveia, e do pai, de quem guarda gratas recordações, Horácio Bento de Gouveia.

Tudo somado, estas *Memórias* de Horácio Miranda de Ornelas Bento de Gouveia configuram-se como um legado espiritual e intelectual que o autor irá deixar aos seus e à comunidade a que pertence. Enquanto prática social – não por acaso apoiada pelas palavras prefaciais do Dr. Alberto João Jardim, um leitor atento da obra bentiana e um bom amigo da família Bento de Gouveia, à qual reconhece o mérito de, geração após geração, continuar a servir a cultura madeirense –, o resgate dessa memória entrelaçada com memórias de antepassados vem contribuir para a discussão de uma identidade madeirense na diversidade e na sua construção histórico-cultural.